

# A CASA E O MUNDO

# RABINDRANATH TAGORE

INTRODUÇÃO E TRADUÇÃO DO ORIGINAL BENGALI (ÍNDIA) POR  
TELO DE MASCARENHAS



# ÍNDICE

PREFÁCIO DO TRADUTOR . . . . .	7
--------------------------------	---

## A CASA E O MUNDO

CAPÍTULO I – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	19
CAPÍTULO II – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	38
CAPÍTULO III – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	54
CAPÍTULO IV – NARRAÇÃO DE SANDIP . . . . .	62
CAPÍTULO V – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	68
CAPÍTULO VI – NARRAÇÃO DE SANDIP . . . . .	73
CAPÍTULO VII – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	91
CAPÍTULO VIII – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	98
CAPÍTULO IX – NARRAÇÃO DE SANDIP . . . . .	114
CAPÍTULO X – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	125
CAPÍTULO XI – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	134
CAPÍTULO XII – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	148
CAPÍTULO XIII – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	156

A CASA E O MUNDO

CAPÍTULO XIV – NARRAÇÃO DE SANDIP . . . . .	167
CAPÍTULO XV – NARRAÇÃO DE SANDIP . . . . .	175
CAPÍTULO XVI – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	193
CAPÍTULO XVII – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	206
CAPÍTULO XVIII – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	215
CAPÍTULO XIX – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	241
CAPÍTULO XX – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	252
CAPÍTULO XXI – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	263
CAPÍTULO XXII – NARRAÇÃO DE NIKIL . . . . .	284
CAPÍTULO XXIII – NARRAÇÃO DE BIMALA . . . . .	303

CAPÍTULO I

NARRAÇÃO DE BIMALA

1

Minha mãe veio-me hoje à lembrança com o traço de vermelhão<sup>(6)</sup> que marcava o risco da sua cabeleira, o sari que usava, com o seu largo debrum vermelho, e os seus olhos, tão belos, tão profundos, tão serenos.

Eles alumiarão a viagem da minha vida como o primeiro alvor da aurora, e deram-me o viático de ouro para tão longa caminhada.

O céu que entorna a luz é azul, e o rosto de minha mãe era moreno; mas tinha o esplendor de santidade, e a sua beleza teria castigado a vaidade das mais belas.

Todos dizem que me pareço com a minha mãe. Na minha infância, eu ofendia-me; irritava-me contra o meu espelho; parecia-me que a injustiça de Deus cumulava o meu corpo adolescente, que as minhas feições trigueiras não as merecia, e que me tinham sido dadas por engano. Não me restava senão pedir ao

---

<sup>(6)</sup> Sinal de estado de mulher casada, posto na frente entre as sobrancelhas. (N. T.)

meu Deus, como reparação, a graça de fazer de mim «o modelo do que uma mulher deve ser», segundo a expressão de um poeta épico.

Quando fui pedida em casamento, um astrólogo que consultou a palma da minha mão disse:

— Esta jovem traz os signos favoráveis: deve ser uma mulher perfeita.

E as mulheres que o ouviram, exclamaram:

— Seguramente, porque ela parece-se muito com a mãe!

Fui casada na família de um rajá. Quando era criança tinha lido várias vezes a descrição do príncipe dos contos de fadas. Mas o rosto de meu marido não era dos que a imaginação coloca comodamente no país das maravilhas: era trigueiro, trigueiro como o meu. A inquietação que me causava a minha falta de beleza dissipou-se um pouco; e, ao mesmo tempo, um pouco de pesar alanceou o meu coração.

Mas quando as aparências escapam ao exame dos nossos sentidos para entrar no santuário do nosso coração, então podemos esquecê-las. Eu sei, por experiência da minha infância, que o amor é como o aspecto exterior da beleza. Quando a minha mãe dispunha no prato de pedra branca os frutos diversos que as suas mãos carinhosas acabavam de descascar, e agitava docemente o seu leque para desviar as moscas, enquanto meu pai se sentava à mesa para a sua refeição, esse serviço tinha tanta beleza que ultrapassava a simples formalidade.

Mesmo na minha primeira infância, eu experimentava nisso um poder que escapava a toda a discussão, a toda a incerteza, a todo o cálculo: era pura música.

Lembro-me de que, depois do meu casamento, quando, aos primeiros alvares do dia, me levantava silenciosamente para prestar a primeira homenagem ao meu marido sem o acordar, tinha a impressão de que a marca de vermelhão brilhava na minha fronte como uma estrela.

Um dia, ele acordou por acaso e perguntou-me, sorrindo:

— Que é isso, Bimala? Que está a fazer?

Nunca na minha vida esquecerei a minha vergonha ao ser descoberta. Ele teria podido julgar que eu procurava ganhar o mérito em segredo. Mas não, não. O meu acto não tinha nada que ver com o mérito; era unicamente o meu coração de mulher, em que o amor não podia ser senão um culto.

A casa de meu sogro era de uma nobreza antiga e vinha do tempo dos *Padshahs*<sup>(7)</sup>. Alguns dos seus usos vinham dos Mongóis e dos Pastós; outros de Manu e de Parashar. Mas o meu marido era em tudo moderno. O primeiro da sua casa, tinha cursado a Universidade e concluído a licenciatura. O seu irmão mais velho tinha morrido jovem, por excesso de bebida, e não deixara filhos. Mas o meu marido não bebia nem se

---

(7) Governadores; senhores feudais. (N. T.)

dava a nenhum vício. E esta abstinência era tão rara na sua família que muita gente a achava quase indecorosa. Julgavam que a pureza dos costumes não convinha aos favorecidos da sorte. A lua tem lugar para nódoas, mas não o têm as estrelas.

Os pais do meu marido tinham morrido havia muito, e a sua avó governava a casa. Meu marido era a luz dos seus olhos, a jóia que ela trazia no coração; de sorte que ele nunca encontrava dificuldade para passar por cima dos antigos costumes. Quando trouxe Miss Gilby para me instruir e me servir de companhia, ficou firme no seu propósito, apesar do veneno secreto de todas as línguas de casa e de fora.

O meu marido acabava de fazer o exame de bacharel e preparava-se para a licenciatura, de forma que era obrigado a ficar em Calcutá para prosseguir os estudos universitários. Escrevia-me quase todos os dias, algumas linhas somente, algumas simples palavras; mas a sua escrita firme e redonda parecia olhar-me ternamente. Eu conservava as suas cartas num cofre de sândalo, e cobria-o com flores colhidas no jardim.

Então, o príncipe dos contos de fadas tinha empalidecido na minha lembrança como a lua ao nascer do sol. Mas o meu príncipe dominava o meu coração. Eu era a sua rainha, estava sentada a seu lado. Mas sentia uma grande alegria ao pensar que o meu verdadeiro lugar era a seus pés.

Depois disso, ensinaram-me muitas coisas; e aprendi tão bem a linguagem da nossa época, que estas palavras que escrevo parecem corar de vergonha no meio da prosa em que as traço. E, se não me tivessem mostrado o ideal novo da vida moderna, eu pensaria muito naturalmente que, da mesma forma que não dependeu de mim nascer mulher, este elemento de adoração que comporta o amor de uma mulher não é mais do que uma passagem tirada de um poema romântico, e piedosamente escrito, com uma pena aplicada, no álbum de uma colegial.

Mas o meu marido não me dava nenhuma ocasião de o adorar. Era a grandeza da sua alma. Há os cobardes que exigem como um direito a devoção absoluta da sua mulher: e é uma humilhação tanto para eles como para elas.

O seu amor por mim parecia trasbordar de um caudal de riqueza e de dedicação. Mas eu era mais feita para dar do que para receber. Porque o amor é um vagabundo e as suas flores florescem mais livremente à beira dos caminhos poeirentos do que no cristal dos vasos.

Meu marido não podia desembaraçar-se de uma vez das velhas tradições da nossa família. Era difícil encontrarmo-nos a qualquer hora do dia que quiséssemos. Eu sabia exactamente as horas em que o meu marido podia estar junto de mim; assim, os nossos encontros eram amorosamente esperados e preparados;

semelhavam as rimas de um poema que não podiam vir senão pela senda dos versos.

Depois de acabado o trabalho do dia e de tomar o meu banho da tarde, tinha o hábito de me pentear, de fazer na minha fronte o traço vermelho e de vestir o meu sari cuidadosamente pregueado. Então, corpo e espírito libertos de todo o cuidado doméstico, eu consagrava-os, nessa hora escolhida, para ritos escolhidos, a um único ser. Essa hora que eu passava com meu marido, todos os dias, era breve; e por isso mesmo sem limites.

Ele tinha o costume de dizer que o homem e a mulher são iguais no amor por causa dos direitos iguais que têm um sobre o outro. Nunca discutia com ele esta teoria; mas o meu coração dizia-me que o amor não está nunca no plano da verdadeira igualdade.

Era digno do meu bem amado não querer nunca as minhas adorações. Mas, se as tivesse aceitado, ter-me-ia prestado um grande serviço. Ele mostrava-me o seu amor adornando-me, instruindo-me, dando-me o que eu pedia e o que eu não pedia. Eu via o amor profundo que havia nos seus olhos quando me contemplava. Eu ouvia o suspiro doloroso e secreto que abafava por minha causa. Amava o meu corpo como se fora uma flor do paraíso. Amava o meu ser todo inteiro como se fora o dom de alguma rara providência.

Um amor tão prodigioso dava-me o orgulho de crer que eram unicamente as minhas virtudes que o

tinham atraído a mim. Mas uma tal vaidade aniquila na mulher o livre abandono do amor. Quando estou sentada no trono de rainha e exijo homenagens, a exigência aumenta sem cessar. Nada a pode satisfazer. Pode haver verdadeira felicidade para a mulher ao sentir o poder que exerce sobre um homem? Abaixar seu orgulho diante do amor é a única salvação da mulher.

Lembro-me hoje como, no tempo da nossa felicidade, o fogo da inveja ardia à nossa volta. Nada era mais natural: não tinha eu encontrado esta felicidade por acaso, sem a merecer? Mas a Providência não permite à boa fortuna durar sempre, a menos que sua dívida de honra não esteja inteiramente paga, dia após dia, no decurso de longos dias. Deus concede-nos dádivas: mas depende de nós recebê-las e guardá-las. Tanto pior para os favores que escapam às mãos indignas.

A avó e a mãe de meu marido tinham sido célebres pela sua beleza. E a minha cunhada também era de uma beleza pouco comum.

Depois que o destino as tratou tão duramente, a avó jurou que não exigiria que a mulher do seu último neto fosse bela. Foram os sinais de bom augúrio de que eu era dotada que me introduziram nesta família; eu não tinha nenhuma outra razão de figurar nela. As damas desta casa principesca não tinham recebido o seu dom de respeito. Elas, contudo, tinham-se adaptado aos costumes da família; mantinham a sua altivez,

e a sua dignidade de *Ranis*<sup>(8)</sup> de grande estirpe, apesar das suas lágrimas desfeitas todos os dias na espuma do vinho, ao tilintar das argolas de ouro nos artelhos das dançarinas. Era por minha causa que meu marido não tocava nos licores nem dissipava a sua juventude nos mercados de carne feminina? Acaso tinha eu algum encanto para acalmar a alma selvagem dos homens? Eu tivera sorte, nada mais. Porque o destino fora duro para a minha cunhada. A festa da vida tinha acabado para ela muito antes do declínio dos seus dias; e a sua beleza continuava a brilhar como uma lâmpada nos salões vazios, ardendo sempre em vão, no silêncio eterno das músicas.

Ela afectava desprezo pelas ideias modernas de meu marido. Que tolice deixar vogar o navio da família, carregado de glórias seculares, sob o pavilhão de uma só mulher! E sentia às vezes o látego do seu desdém. Eu era, a seus olhos, uma ladra que tinha roubado o amor do meu marido, um gaio adornado com penas de pavão. Os vestidos multicores e de corte moderno com que meu esposo gostava de me adornar suscitavam à minha volta cólera e inveja surdas: «Ela não tem vergonha de parecer uma vitrina de loja de modas? — perguntavam. — Ainda se fosse bela!»

Meu marido não ignorava nada disto. Mas a sua bondade não conhecia limites e pedia-me que perdoasse.

---

(<sup>8</sup>) *Rani*: rainha; *Bara Rani*: rainha mais velha. (N. T.)

Eu disse-lhe, um dia:

— O espírito feminino é tão pequeno, tão atrofiado!

— Como os pés das chinesas... — replicou ele. — Mas não foi a sociedade que os comprimiu e deformou?

Minha cunhada obtinha dele tudo quanto queria. Ele não cuidava de saber se as suas exigências eram justas e razoáveis. Mas o que me exasperava sobretudo era ela não ser agradecida. Eu tinha prometido ao meu marido não responder aos sarcasmos da minha cunhada, apesar de intimamente me sentir revoltada. Julgo que a bondade tem limites que o homem não pode transpor sem se aviltar. Direi toda a verdade? Eu queria às vezes que meu marido fosse bastante duro para ser menos bondoso.

Minha cunhada, a *Bara Bani*, era ainda jovem e não tinha nenhuma pretensão à santidade. Bem pelo contrário: tinha maneiras, propósitos e riso ousados; e as outras mulheres com quem ela lidava eram de uma notável impudência. Mas ninguém a censurava. Não eram as maneiras habituais? Eu pensava que a sorte de ter encontrado um marido perfeito era um espinho enterrado na sua carne. Mas Nikil sentia mais a tristeza pela sorte dela do que pelos defeitos do seu carácter.

2

Meu marido desejava vivamente fazer-me sair do gineceu.

Um dia perguntei-lhe:

— Que tenho a fazer no mundo exterior?

— O mundo exterior pode precisar de si — respondeu ele.

— Se o mundo exterior passou sem mim até agora, pode ainda muito bem passar sem mim; não corre o risco de perder o encanto.

— Eu receio bem que o perca; mas não é isso que me inquieta. Eu penso em mim mesmo.

— Na verdade? Pois então fale-me um pouco de si.

Ele calou-se e sorriu. Eu conhecia o seu silêncio risonho.

— Não, não — protestei eu —, não me escapará assim. Quero ver este assunto esclarecido.

— Pode alguma vez resolver-se um assunto com palavras?

— Não me fale por enigmas. Diga-me...

— O que desejo é que nos pertençamos completamente perante o mundo. É esta a dívida que temos um para o outro.

— O nosso amor é então imperfeito dentro das paredes da nossa casa?

— Dentro da casa, Bimala é como que dominada por mim. Não pode saber nem o que possui, nem o que lhe falta.

— Não posso ouvi-lo falar assim.

— Desejaria vê-la avançar até ao coração do mundo exterior, para nele encontrar a realidade. Não foi feita para viver sempre no mundo das convenções e dos cuidados domésticos. É necessário que nos encontremos, que nos compreendamos um ao outro no mundo real, para que o nosso amor também seja real.

— Se verdadeiramente há alguma coisa que entrave o nosso amor, não tenho nada a dizer. Mas, quanto a mim, nada me falta.

— Pois bem, se o obstáculo não existe senão para mim, porque não me ajudará a suprimi-lo?

Estas discussões eram habituais. O meu marido disse-me um dia:

— O homem glutão que gosta de peixe cozido não tem escrúpulo em cortar o peixe segundo as suas necessidades. Mas o homem que gosta dos peixes vivos pode contemplá-los dentro da água; e se isso não lhe é possível, espera que apareçam; e mesmo quando entra em casa sem nada ter visto, tem a consolação de saber que o peixe é feliz dentro da água. A perfeição vale mais que tudo; mas, na falta da perfeição, procuremos o que mais se aproxima dela.

Eu gostava pouco da maneira como meu marido falava destas coisas. Mas tinha ainda outras razões para não deixar o *Zenana*<sup>(9)</sup>. Sua avó ainda estava viva. Meu

---

<sup>(9)</sup> Gineceu; compartimento reservado às mulheres. (N. T.)

marido tinha saturado a nossa casa de ideias e de costumes do século XX; tudo isso era contra o gosto da sua avó; mas ela tinha suportado tudo sem se queixar; e teria suportado também que a nora da casa do rajá saísse da sua reclusão. Ela tinha mesmo preparado isso. Mas eu pensava que não valia a pena desgostá-la por tão pouco. Sei pelos livros que nos chamam pássaros engaiolados. Eu não posso falar pelas outras; mas, quanto a mim, tinha tantas coisas na minha gaiola que ela me parecia maior que o Universo. Pelo menos, era assim que eu então pensava.

A avó de meu marido, na sua velhice, tinha-me tomado uma grande afeição. No fundo da sua ternura havia o pensamento de que, com a ajuda dos astros que me favoreciam, tinha sabido prender o amor de meu marido. Não eram os homens, pois, inclinados para o abismo e para a perdição? As outras rainhas, apesar da sua rara beleza, não tinham impedido que seus maridos se despenhassem no pélogo do infortúnio. Ela julgava que eu tinha o condão de extinguir esse fogo tão fatal para os homens da sua família. Por isso, guardava-me no recôndito do seu coração e afligia-se quando eu adoecia.

Ela não gostava dos vestidos e adornos que o meu marido trazia das lojas para me enfeitar. E dizia:

— É preciso que os homens tenham alguma mania absurda e dispendiosa. De nada serve chamar à razão estes pródigos; muito felizes somos se não causarem a